

## Dossiê

### AS IDENTIDADES HOMOERÓTICAS NA LITERATURA: DE HADCLYFFE HALL A ARETUSA VON

Lúcia Facco

Este artigo é um trecho revisado e reduzido da dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira intitulada *Boca no trombone: literatura lésbica contemporânea*, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Ítalo Moriconi, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, defendida em abril de 2003 e publicada pelo selo GLS do Grupo Editorial Summus, com o título *As heroínas saem do armário: literatura lésbica contemporânea*, em março de 2004.

Neste estudo pretendo comparar o processo de (des)construção da identidade homoerótica nos textos: *O poço da solidão*, de Radclyffe Hall, publicado em 1928, "Aqueles dois", conto de Caio Fernando Abreu, publicado no livro *Morangos mofados*, em 1982 e "Triunfo dos pêlos", conto de Aretusa Von, publicado no livro homônimo, em 2000.

Pelo contexto político, Radclyffe Hall fez parte de uma segunda geração de feministas lésbicas, nascidas nas últimas décadas do século XIX, denominadas "desviantes" num contexto social e histórico pautado no sexo fático, no ideal vitoriano da mulher passiva e assexuada, confinada à atividade reprodutora. (SOUZA, s/d: p.2)

Hall era lésbica militante, se vestia com roupas masculinas e se denominava como "inverted"(invertida). Ao escrever *O poço da solidão*, teve uma intenção ousada. O livro foi escrito "com o firme propósito de combater o preconceito contra homossexuais, foi o primeiro romance a apresentar uma heroína lésbica de bom caráter". (LEONEL, 2001a: p. 1)

Segundo o Professor Flávio Carneiro, para os modernistas "havia uma luta, havia algo a ser combatido" (CARNEIRO, s/d: p. 1) e ainda, que há, no modernismo, "algo de missionário." (Idem: p. 1) *O poço da solidão* tenta ser isso mesmo: missionário. Não no

32

aspecto formal do texto, na quebra de uma estrutura tradicional, pois "seu estilo era terrivelmente conservador (...) em pleno desabrochar do modernismo" (LEONEL, obra citada: p. 2), mas no sentido de dar ao texto, como "missão", a responsabilidade de suscitar uma transformação do pensamento social em relação aos, como ela, "invertidos", ou seja, os homossexuais, proporcionando uma maior visibilidade a eles e os colocando como pessoas de bom caráter, que sofrem por sua falta de aceitação, sua marginalização. E é justamente isso (o preconceito) o "algo a ser combatido". Stephen Gordon, a heroína, é também mártir, já que se sacrifica para evitar que sua amante continue sofrendo, por manter uma relação "anormal."

Este romance é a história de Stephen Gordon, uma moça com nome de homem, criada pelos pais como um rapaz. Mas, se por um lado, estes poderiam ser indícios de que sua "condição homossexual" seria explicada pela sua formação cultural, na sua descrição



**Lúcia Facco**  
Doutoranda em Literatura  
Comparada UERJ  
[lufacco@uol.com.br](mailto:lufacco@uol.com.br)



Versão PDF  
para impressão

física vemos que não. Stephen nasce como um "pequeno girino de bebê, quadris estreitos, ombros largos."(HALL, 1998: p. 23) Quando crescer "(E)la terá mãos e pés grandes, seios pequenos, feições "masculinas". Terá flancos magros e musculosos, boa coordenação física e será capaz de argumentos racionais." (!!!) (HENNEGAN, 1998: p. 9) Ela inspira, desde bebê, aversão à mãe, que a vê como uma espécie de aberração e que "odiava a maneira de Stephen andar ou ficar parada, certo ar de grandalhona, certa falta de graça em seus movimentos..."(HALL, obra citada: p. 26) Ou seja, desde que nasce ela é diferente. Hall acreditava no discurso da "inversão", que "pregava uma identidade fixa, dada pela natureza, que precisava ser compreendida"(SOUZA, obra citada: p. 2) Stephen, quando criança, desenvolve uma paixão por uma das criadas da família, paixão esta, não compreendida pela própria Stephen, que quando cresce, se apaixona por uma vizinha e chega à conclusão que, "se ama uma mulher como um homem o faz, é porque ela não é uma mulher."(Idem: p. 2) Tendo sua "condição homossexual" descoberta pela mãe,

33

---

logo após a morte do pai, Stephen é expulsa de casa e vai viver em Londres, onde começa a escrever. Quando explode a Primeira Guerra Mundial, ela vai trabalhar como motorista de ambulância na "The London Ambulance Column." E é neste local, bem no meio da guerra, que Stephen vai encontrar outras, muitas, iguais a ela. Aguardando os feridos nas estações de trem para transportá-los até os hospitais,

...via figuras inconfundíveis – inconfundíveis à primeira vista, distinguindo-as por instinto na multidão. Pois, como se ganhassem coragem do terror que é a guerra, muitas iguais a Stephen arrastaram-se de seus buracos e surgiram à luz do dia. Surgiam à luz do dia e encaravam seu país: "Bem, aqui estou, vai me aceitar ou vai me deixar de lado?" E a Inglaterra as aceitou, sem fazer perguntas. (...) A Inglaterra dissera: "Muito obrigada. Vocês são justamente o que desejávamos...neste momento."(HALL, obra citada: p. 318)

Neste trecho, podemos perceber, claramente, a amargura de Hall diante da falta de aceitação social, e, por outro lado, uma crítica ácida à hipocrisia diante da aceitação, quando foi do interesse do país.

Nessa Unidade, Stephen vai conhecer Mary, que será sua mulher por vários anos, até que a heroína/mártir, vendo o sofrimento da companheira por não ser aceita socialmente, não poder levar uma vida "normal", não poder ter filhos, a entrega aos braços de um homem.

Completamente só, angustiada e infeliz, Stephen se dirige a Deus, dizendo: "Então, levante-se e nos defenda. Reconheça-nos, ó Deus, ante o mundo inteiro. Dê-nos o direito de existir!"(Idem: p. 507) E com essa súplica, acaba-se o romance.

Esse livro é polêmico, desde sua publicação até os dias de hoje. Em 1928, ano de sua publicação na Inglaterra, foi "julgado" e "condenado", considerado obsceno. Teve seus exemplares apreendidos e queimados nos porões da Scotland Yard. A sua proibição no Reino Unido durou até 1948.

Embora isso tenha acontecido, ou, quem sabe, por esse motivo mesmo, O poço da solidão "tornou-se conhecido como "a Bíblia do lesbianismo.""(HENNEGAN, obra citada: p.

34

---

8) Através de sua leitura, "(M)uitas pessoas aprenderam pela primeira vez que relações sexuais entre mulheres eram possíveis."(Idem: p. 8) Apesar de ter proporcionado essa

visibilidade, na relação entre Stephen e Mary, vemos reproduzida a relação heterossexual do modelo patriarcal falocêntrico. Enquanto ela, Stephen, a invertida, possui características consideradas masculinas, como força física, corpo másculo, raciocínio lógico, etc, Mary é a mulher "verdadeira", que cuida da casa, cerze as meias, cuida das roupas de Stephen, possui instinto maternal, etc. A dicotomia de gênero homem/masculino X mulher/feminino é reforçada, na medida em que Stephen, seria mulher/masculino, e, por isso, considerada "invertida". Esta palavra já indica bem a existência de uma posição correta, à qual qualquer outro modelo seria a oposição, a inversão, a desordem.

Tânia Navarro-Swain, em seu livro *O que é Lesbianismo*, diz, referindo-se à proibição de *O poço da solidão*: "Nada menos obsceno que este romance no qual a sexualidade é apenas discretamente sugerida e o "bem", o "normal" e a ordem heterossexual triunfam."(NAVARRO-SWAIN, 2000: p. 39-40)

Em sua busca pela aceitação social, Hall "tira sua linguagem e idéias de todo um conjunto de trabalhos teóricos escritos por sexólogos ingleses e europeus durante o meio século anterior (...) Todos enfatizaram as origens congênitas da orientação sexual."(HENNEGAN, obra citada: p. 9) Ou seja, organiza o seu "libelo", baseada na observação, em estudos científicos, na sua tentativa de provar que a identidade homoerótica é nata, logo, natural, e, por conseguinte, é uma imensa injustiça social a não aceitação de "criaturas tão infelizes." Como se a sociedade excluísse, de maneira violenta e irrevogável, uma pessoa que tenha nascido sem um braço. Porque é exatamente isso. Para Hall, a homossexualidade deve ser aceita e compreendida, não pelo respeito às diferenças individuais, mas por serem um "defeito de fabricação".

35

---

#### *O poço da solidão foi publicado*

[...] num momento histórico e político em que a família burguesa já era o modelo difundido e em que a pureza social ainda era o discurso em pauta. Apesar de sustentar dicotomias e estereótipos essencializados, no que se refere ao sexo e ao gênero, em relação à sexualidade a autora parece ter contribuído para uma relativa desconstrução do modelo heterossexual, enfrentando-o publicamente, através de sua obra, enquanto referencial único da sexualidade.(SOUZA, obra citada: p. 4)

A partir de sua leitura, muitas jovens, que poderiam se sentir únicas, solitárias, em seus "bizarros" desejos homoeróticos, descobriram que não eram tão solitárias assim. Vamos, agora, passar de 1928 para 1982. Não podemos ignorar, no entanto, que, no meio desse trajeto, tivemos imensas transformações sociais, culturais e políticas, transformações essas, que vão sendo acompanhadas pela literatura. No Brasil do início do século XX vemos o seguinte quadro da arte homoerótica: "predomínio de homotextos breves, sobretudo contos (...) em geral, isolados nas obras dos escritores. Predomina o silêncio sobre a problemática e, quando visível, persiste a afirmação de estereótipos risíveis ou de imagens do desejo homoerótico como algo impossível, destinado ao fracasso."(LOPES, 2002: p. 132-133) Surge, nessa época, uma nova figura da identidade homoerótica, o culpado "marcado por uma forte angústia religiosa e/ou existencial, que gerou uma linhagem de relevância".(Idem: p. 133) *O poço da solidão* se aproximaria desse modelo, embora tente excluir a culpa, baseada na idéia de "naturalidade." Nos anos 60, finalmente começam a surgir, na literatura brasileira, personagens gays em textos que misturam "as questões de sexualidade com as mazelas sociais, econômicas e políticas de um país que implementa cada vez mais um projeto modernizante excludente, às sombras de um regime autoritário."(Idem: p. 135) Nesse momento é publicada a

primeira coletânea de contos que, embora não trate apenas dessa temática, privilegia a questão gay:

36

---

*Histórias do amor maldito*, de 1967, organizada por Gasparino Damata. Este livro será muito importante, já que “expõe dramas humanos onde se coloca o problema da legitimidade existencial ante estruturas convencionais”(FREITAS JR. citado em LOPES, obra citada: p. 136) e questiona a existência, no futuro, de amores malditos, ou, quem sabe, de nenhum tipo de amor. Nesta nova narrativa não há “a intervenção de discursos pseudo-científicos”(LOPES, obra citada: p. 136) que buscam “justificar” uma “condição anormal”. Encontramos nessa época, bem como na década de 70, as pessoas impedidas de falar sobre política, de maneira aberta, pelo Golpe de 64. Ora, elas então “contornavam essa dificuldade, discutindo-a através de outras formas, e nada mais justo que elas dissessem respeito ao corpo, a vítima de torturas, espancamentos, maus-tratos e violências.”(MÍCOLLIS, DANIEL, 1983: p. 75) Nessa época, os movimentos feministas e homossexuais são os únicos espaços onde se denuncia a repressão do prazer como manipulação política do homem.

Chegamos a 1982, e, quando

as energias utópicas e rebeldes que agitaram os anos 60 e parte dos 70 começam a perder força, um horizonte pós-moderno constituído e interpretado por desejos e identidades homoeróticas emerge. Paisagens entre a melancolia e a alegria possível, a deriva sexual e o temor da AIDS, a solidão e a ternura, a desterritorialização e a busca de novos tipos de relações. É nesse sentido que pode ser entendido o melhor da obra de Caio Fernando Abreu.(LOPES, obra citada: p. 140)

A utopia, os grandes projetos do modernismo vão dar lugar às questões particulares, individuais. O homem pós-moderno, ao invés de se ligar às grandes causas, vai cobrar do sistema eficiência na administração dos serviços que garantam um cotidiano confortável. “Se a modernidade teve intensa mobilização política (duas guerras mundiais, revoluções, guerras anticoloniais), a pós-modernidade se interessa antes pelo transpólitico: liberação sexual, feminismo, educação permissiva, questões vividas no dia-a-dia.”(SANTOS, 1989: p. 92)

37

---

“Caio e outros escritores, seguindo uma tendência da década de 80, partem do individual, não querem fazer romances painéis, mas dar vôos rasantes e determinados em cima de pequenos temas.”(CASTELLO, 1988: não paginado)

Ao contrário de *O poço da solidão*, onde tudo é grandioso, os cenários, grandes campos, fazendas, florestas, guerras, etc, “*Aqueles dois*” é uma história que segue o modelo da crônica. De um acontecimento do cotidiano, extrai reflexões sobre a vida, o amor, etc. A história se passa no dia-a-dia de uma firma (mais corriqueiro impossível), onde dois rapazes trabalham, se encontram e se “reconhecem”.

Segundo Linda Hutcheon, o pós-modernismo “busca afirmar a diferença, e não a identidade homogênea.”(HUTCHEON, 1991: p. 22) Indo de encontro ao projeto de igualdade do Iluminismo no mundo burguês, no qual

a igualdade passou a ser entendida sobretudo em termos de norma, o que condena irremediavelmente qualquer diferença a um estatuto de marginalidade e monstruosidade, cuja mera existência se converte assim numa transgressão. Mais ainda, mostra como a sociedade burguesa não consegue pensar esse indivíduos marginalizados senão reduzindo-os artificialmente a coletividades, isto é, considerando-os única

e exclusivamente a partir do ponto de vista de sua negatividade frente à norma social.(BARCELLOS, 2000: p. 22)

Se Stephen constitui uma identidade invertida, em contraponto a uma identidade "normal", Raul e Saul não representam uma identidade que se opõe a algum referente, representam, antes, a diferença, o ex-cêntrico (nas palavras de Linda Hutcheon(HUTCHEON, obra citada: p. 29)) que assume "uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que, na verdade, nossa cultura não é o monolito homogêneo (isto é, masculina, classe média, heterossexual, branca e ocidental) que podemos ter presumido."(Idem: p. 29)

É interessante notarmos que, embora o conto se chame "Aqueles dois", a palavra "aqueles" indicando que eles são os que estão "fora", são eles os personagens centrais, sendo

38

---

todo o resto apenas "sombras", o que reafirma a sua condição de ex-cêntricos, diferentes, mas não piores, muito pelo contrário, já que os outros são os que permanecem na firma que mais parecia "uma prisão ou uma clínica psiquiátrica."(ABREU, 1986: p. 129) Cabe aqui destacar que o espaço onde se encontram os "normais" é comparado pelos dois a locais onde são colocados os marginalizados, em uma curiosa inversão de valores, o que desconstrói, esfacela de vez, as noções de anormalidade e normalidade.

Surgem as "tribos" que afirmam e confirmam sua existência e cujos membros se reconhecem através de gostos, roupas, etc, bem em conformidade com a nossa sociedade midiática. Raul e Saul vão se "reconhecer" através de um filme que Saul viu na TV: "Por educação (...) Raul (...) perguntou: que filme? Infância, Saul contou baixo (...) um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? Eu conheço e gosto muito."(Idem: p. 29)

Seguindo essa esteira do estabelecimento e reconhecimento das diferenças, vemos, aqui, a dissolução da dicotomia sexo/gênero, quando são atribuídos a Raul e Saul comportamentos considerados "normais" para homens e se apaixonam um pelo outro. Caio afirmou, em uma de suas entrevistas: "...não acredito em homossexualidade ou heterossexualidade, acredito em sexualidades. A sexualidade humana é muito ampla e pode se realizar de mil maneiras diferentes."(CASTELLO, 1995: não paginado) Ele, neste conto, assim como em toda a sua obra, não afirma a homossexualidade como algo alegre e prazeroso. Não exalta o homossexualismo, muito menos o "denigre", simplesmente afirma, ou antes, confirma a existência de relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, como uma das formas de realização da sexualidade humana. Assim como sempre tentou desvincular a sua literatura de um rótulo (literatura gay), tenta fazer a mesma coisa com a própria categorização que cria a

39

---

distinção entre homossexualidade e heterossexualidade, distinção sobre a qual se apóia a existência mesma de rótulos, de identidades fixas.

A noção do indivíduo, da identidade do modernismo é substituída, assim, pela diluição dessa identidade. A singularidade do homem é frágil, os nomes parecidos Raul/Saul, fazem com que os confundamos, denunciando essa fragilidade.

Nesse conto de fadas subvertido, que não começa com um "Era uma vez...", mas termina dizendo que os outros foram "infelizes para sempre", podemos notar que

(F)ace aos cansaços pós-utópicos, mas ao mesmo tempo dentro desse espaço, a obra de Caio Fernando Abreu representa uma frágil possibilidade de leveza, do sim, em meio a tanta dor e indiferença, de encontros em meio a tantos desencontros, de estórias que digam respeito a um mundo tão pleno de informações e carente de sentidos. (LOPES, obra citada: 159) Reforçando a noção de experiência limite e da diluição da identidade fixa, chegamos ao ano de 2000, quando é publicado um conto da escritora pouco conhecida Aretusa Von, chamado "Triunfo dos pêlos", no livro homônimo, que é uma coletânea de contos publicada pelas Edições Gls. Como Orlando (WOOLF, 1978), que acorda mulher, a narradora protagonista acorda homem, mas não age de acordo com esse novo corpo biológico, como poderíamos esperar. Ela transita, circula por todas as identidades sexuais. Ao acordar homem, não se espanta absolutamente com o fato. Encara-o com toda a naturalidade. "E hoje, como todos os dias, levanto-me da cama com a minha camisola desbotada para fazer xixi. Mas, em vez de sentar-me no vaso com as calcinhas arriadas como sempre, saco para fora um pênis de fazer inveja ao mais bem dotado ator de filme pornô." (VON, 2000: p. 15) No desenrolar da história veremos a personagem se relacionar sexualmente com homens e mulheres, exercendo os mais variados "papéis" sexuais, sempre com naturalidade.

40

Se o conceito de gênero é mutável, o próprio corpo biológico também o é. Estamos na era de todas as possibilidades tecnológicas e científicas, onde pode-se "mudar de sexo" através de cirurgias e outras técnicas. Esse procedimento já é comum há algum tempo, para "transformar" homens em mulheres, mas hoje é possível o inverso. As mulheres podem recorrer aos hormônios, cirurgias como mastectomia, histerectomia, plásticas e enxertos e, depois de todos os procedimentos, levam uma vida sexual normal e saudável... como homens. O mais interessante disso tudo é que após essa transformação, muitas dessas mulheres começam a se interessar sexualmente por homens. "Ou seja, tornam-se homens gays. Como prova de que uma mudança assim não é tão incomum, até mesmo um termo específico já foi criado para elas: transfags – algo como transbichas." (LEONEL, 2001b: p. 63) O que diria Hadclyffe Hall se pudesse se deparar com elas/eles?

Podemos concluir que os conceitos de gênero e identidade que o homem moderno havia formulado em seu pensamento monolítico, todas as suas certezas, suas crenças, ficam completamente destituídas de sentido diante desse homem(?) do século XXI.

E, como disse Vange Leonel, dirigindo-se àqueles que estranham essas mudanças, "é melhor irem se acostumando. Cada vez mais a ciência se presta a realizar os nossos mais secretos desejos. Difícil é saber o que realmente se deseja." (Idem: p. 63)

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Caio Fernando. Aqueles dois. In: Morangos mofados. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.126-135. (Cantadas Literárias, 5).

BARCELLOS, José Carlos. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. Caderno Seminal, Rio de Janeiro, ano 7, n.8, p.7-42, 2000.

CARNEIRO, Flávio. Imaginários pós-utópicos. 11f. Não publicado.

CASTELLO, José. Os anos 80 deram romance? Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 fev. 1988. Caderno Idéias.

\_\_\_\_\_. Entrevista com Caio Fernando Abreu. O Estado de São Paulo. São Paulo, dez. 1995. Caderno Dois.

41

- HALL, Radclyffe. O poço da solidão. Rio de Janeiro: Record, 1998. 507 p.
- HENNEGAN, Alison. Introdução In: HALL, Radclyffe. O poço da solidão. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.7-15.
- HUTCHEON, Linda. Teorizando o pós-moderno: rumo a uma poética. In: Poética do pós-modernismo. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 19-41.
- LEONEL, Vange. As sereias da Rive Gauche: Introdução. 2001a. 12 f. Texto avulso.  
\_\_\_\_\_. Grrrls: garotas iradas. São Paulo: Summus, 2001b. 149 p.
- LOPES, Denilson. Uma estória brasileira. In: O homem que amava rapazes e outros ensaios. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002. p.121-164.
- MÍCCOLIS, Leila, DANIEL, Herbert. Jacarés e lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achiamé-socii, 1983. 133p.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. O que é lesbianismo. São Paulo: Brasiliense, 2000. 101 p. (Primeiros Passos, 313).
- SANTOS, Jair Ferreira dos. O que é pós-moderno. 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. 111p. ( Primeiros Passos, 165).
- SOUZA, Érica Renata de. Com quantos gêneros se faz uma pessoa? Uma análise de gênero na obra de Radclyffe Hall. 5p. Disponível na Internet.  
<<http://www.artnet.com.br/~marko/radhall.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2001.
- VON, Aretusa. Triunfo dos pêlos. In: Triunfo dos pêlos e outros contos gls. São Paulo: Summus, 2000. p. 15-21.
- WOOLF, Virginia. Orlando. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. 185p.

42

[topo](#)

---

**Palimpsesto - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**<http://www2.uerj.br/~pgletras/palimpsesto/num4/dossie/identidadeshomoeroticas.htm>

Volume 04 ANO 4 (2005) - ISSN 1809-3507